

Os investimentos brasileiros na África no governo Lula: um mapa

The brazilian investments in Africa during Lula's Administration: a map

Júlia Covre Vilas-Bôas*

Meridiano 47 vol. 12, n. 128, nov.-dez. 2011 [p. 3 a 9]

A África tem se destacado como a terceira região com maior índice de crescimento de regionalidade das transnacionais brasileiras, com 16,39%¹. (FDC, 2010) O que tem influenciado empresas brasileiras a investir na África é o potencial que o mercado do continente representa para os produtos e serviços brasileiros. Além disso, um fator que atrai muitos investidores é a possibilidade de se beneficiar dos Acordos ACP (África-Caribe-Pacífico) da União Europeia com as ex-colônias para exportar para o mercado europeu em condições privilegiadas.

No governo Lula, a instalação de empresas brasileiras teve um papel importante nas relações com a África, pois foram vistas como instrumentos para fortalecer os laços com os países do continente, sendo favorecidas pela política diplomática presidencial. Esse apoio foi instrumentalizado principalmente pelo aumento de missões empresariais, tanto acompanhando o Presidente e o Ministro das Relações Exteriores, quanto em missões de outros ministérios, como a Missão do MDIC à África Ocidental, que visitou Senegal, Nigéria, Gana e Guiné Equatorial. (MRE, 2010) Outra iniciativa nesse sentido foi o Acordo para evitar Dupla Tributação com a África do Sul, medida que é considerada pela rede de firmas KPMG uma vantagem a ser observada para o sucesso da estratégia de internacionalização das empresas.

A vertente da cooperação tem contribuído para a atuação das empresas brasileiras na África, ao implementar programas de treinamento e formação de mão-de-obra local que possa trabalhar nos empreendimentos brasileiros. O SENAI já colocou em funcionamento centros de formação profissional em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, sendo que o de Angola, em 2005, já teve sua gestão transferida para o governo local. Estão previstos também a criação de centros de treinamento em São Tomé e Príncipe e Moçambique.

Uma recente iniciativa no âmbito da APEX-Brasil foi a criação do Centro de Negócios em Luanda, Angola, no fim de 2010, o qual trabalhará no apoio à instalação local de empresas brasileiras e estudos e planos de negócios para entrada no mercado. Alguns eventos também se destacam, como o Brasil Agri-Solutions e a Feira Internacional de Angola (FILDA). Para se ter uma ideia da importância dessas iniciativas, da FILDA 2010, participaram 40 empresas brasileiras e o estande do Brasil, o segundo maior da feira, recebeu cerca de 20 mil visitantes, o que rendeu US\$ 50 milhões em negócios, valor 66% superior ao de 2009. (APEX, 2010)

O que esses investimentos diplomáticos e governamentais, na verdade, fazem, além de fomentar a instalação dessas empresas, é promover a marca Brasil. Segundo Amaral (2008), um dos desafios da empresa que se interna-

* Especialista em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília – UnB. (juliacovre@hotmail.com)

¹ A América do Norte chegou a ter uma queda de 47% no índice de regionalidade em função da crise internacional.

cionaliza é a consolidação de sua marca em um mercado desconhecido; a promoção desta é responsabilidade da empresa, mas a marca País, no caso a marca Brasil, é responsabilidade do governo. O autor explica que a marca País é como um passaporte que acompanha o produto e que pode contribuir para gerar simpatias ou desconfianças.

Nesse sentido, uma pesquisa do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais – IEEI (2010) aponta a percepção dos angolanos e moçambicanos a respeito da presença de atores estrangeiros em seus respectivos países. Em Angola, o Brasil figura entre os três primeiros países quanto a sua importância e influência e na mesma posição com quem é prioritário reforçar as relações no futuro. Já em Moçambique, o Brasil está em 11º para a influência atual e em 5º nas prioridades para o futuro.

A promoção dos investimentos brasileiros na África, porém, não fica a cargo apenas das iniciativas governamentais. Os empresários brasileiros que atuam em Angola organizam-se, desde 2003, em torno da Associação dos Empresários e Executivos Brasileiros em Angola (AEBRAN), com o objetivo de agregar e representar empresários e executivos brasileiros estabelecidos no país. Apesar de uma iniciativa privada, a AEBRAN atua na Comissão de Brasileiros no Mundo, representando o continente africano junto ao Itamaraty.

Mapeando os investimentos brasileiros na África, foram identificados 22 países nos quais existem empresas brasileiras, sendo os setores de minerais e construção civil os mais consolidados e o das pequenas e médias empresas e franquias os com maior potencial para o futuro. O setor de serviços se destaca, mas este é mais forte onde os investimentos em outras áreas são mais significativos.

A lógica das relações comerciais, contudo, difere do mapa dos investimentos, assim como do da cooperação para o desenvolvimento. Existem casos de países em que os investimentos se destacam, mas os fluxos de comércio não são tão destacados, assim como países em que há grande volume de cooperação, nenhum registro de empresa brasileira, mas volume de comércio razoável². Os países onde há maior volume de investimentos serão analisados individualmente a seguir.

África do Sul

A África do Sul, mais do que a maior economia da África, com melhor infraestrutura, economia mais sofisticada e ambiente de negócios mais estável e confiável, é um tradicional parceiro do Brasil em termos comerciais e agora começa a destacar-se como destino dos investimentos externos diretos brasileiros.

A Vale atua na África do Sul na exploração de minérios, onde a empresa instalou seu principal escritório do continente. A importância do país para esta empresa está em ele ser considerado o maior produtor mundial de platina, cromo e ouro (VIZENTINI, 2010). Já a empresa de ônibus Marcopolo atua no país desde 2000 e tem uma fábrica própria instalada lá. Recentemente a empresa passou por uma reestruturação administrativa, criando subdivisões regionais, apostando no crescimento do mercado africano. A Marfrig, dona da marca Seara, também tem fábrica própria instalada na África do Sul, com capacidade de produção de 21.000 unidades de couro por dia (MARFRIG, 2011).

² Angola, que é o principal receptor de investimentos brasileiros na África, destaca-se também em relação ao fluxo de comércio, tendo este passado de US\$ 121 bilhões, em 2003, para US\$ 383 bilhões, em 2010. Já em relação a outros países a lógica dos investimentos não se mantém em relação ao comércio. A Nigéria abriga apenas a Petrobras como Investimento Externo Direto (IED) brasileiro, mas possui corrente de comércio com o Brasil mais robusta que a África do Sul, que é um dos principais receptores de IED brasileiros na África: Nigéria passou de US\$ 1,99 bilhão, em 2003, para 6,78 bilhões, em 2010, e a África do Sul, de US\$ 936 milhões para US\$ 2 bilhões, no mesmo período. Em relação a Gana, significativo receptor de cooperação brasileira, mas que não possui nenhum investimento direto brasileiro em seu território, o fluxo de comércio é superior ao com Moçambique, que também é grande receptor de cooperação brasileira, além de ser um dos principais destinos das empresas brasileiras na África: a corrente de comércio passou, respectivamente, entre 2003 e 2010, de US\$ 106 milhões para 325 milhões e de US\$ 14 milhões para US\$ 42 milhões. Por fim, a corrente de comércio entre Brasil e Líbia antes da guerra era de US\$ 78 milhões, em 2003, e US\$ 557 milhões.

Quanto ao potencial para o futuro, Vizentini (2010) relembra que o regime militar no Brasil e o do Apartheid na África do Sul desenvolveram eficientes indústrias armamentistas, aeronáuticas e tecnologia nuclear, que, no período subsequente, em ambos os países, entraram em declínio, mas que agora existe campo para retomar os projetos. Apesar de os temas de defesa serem limitados à esfera da soberania, a coordenação nessa área é possível. Outro mercado potencial é, caso a África do Sul acorde a conversão para o padrão nipo-brasileiro de TV digital, que as micro, pequenas e médias empresas sul-africanas associem-se a empresas brasileiras nesse setor.

Angola

Angola é o principal receptor de investimentos brasileiros no continente africano. Apesar de manter índices de crescimento elevados há alguns anos, Angola é valorizada por ter ainda grande capacidade ociosa para investimentos, além de recursos naturais, como hidrocarbonetos, pedras preciosas, outros minerais, recursos hídricos, terras cultiváveis, entre outros. Ademais, o país está implementando programa de substituição de importações, contexto em que a instalação das empresas brasileiras é uma iniciativa apropriada (SALOMÃO, 2008:37).

A atuação de empresas brasileiras em Angola é fruto de uma relação histórica, iniciada a partir da vanguarda brasileira no reconhecimento da independência do país, em 1975, sob o governo do MPLA. A Petrobrás chegou ao país a convite do líder do MPLA, Agostinho Neto, logo após a independência, seguida pela Construtora Norberto Odebrecht. Os anos que seguiram, porém, foram de violenta guerra civil, destruição da infraestrutura e desarticulação da economia, de forma que os investimentos, em especial da Petrobras, foram de baixa intensidade³.

O fim da guerra civil, em 2002, liberou o país dos constrangimentos que recaíam sobre o investimento. Cabe, porém, ressaltar que, apesar de Robert Gilpin (2002:277) afirmar que as empresas prezam mais pela estabilidade política do que pela forma de governo, as empresas brasileiras permaneceram em Angola mesmo durante os 27 anos de guerra civil. Não obstante, percebe-se a abertura de um leque de oportunidades com a pacificação do país.

Salomão (2008) relembra que, no momento atual, a concorrência para investir no país é grande e “os interesses econômicos se sobrepõem aos afetos históricos pelos brasileiros” (SALOMÃO, 2008:36-37), de forma que recomenda algumas medidas para que a presença do Brasil seja mais competitiva, como a criação de um ambiente de negócios especial entre os dois países, com a dispensa de vistos tanto para visitas de negócios como para trabalhadores⁴.

Entre as empresas brasileiras mais atuantes em Angola destaca-se a construtora Odebrecht, a qual iniciou seus trabalhos no país em 1984, com a construção da hidrelétrica de Capanda. Essa obra é a mais difundida na bibliografia sobre os investimentos brasileiros no país, até por ter sido a pioneira da empresa, mas, ao longo de 27 anos de atuação, a Odebrecht já concluiu 16 projetos no país, que variam desde a construção de condomínios de casas e shopping centers até obras de saneamento básico, canais de irrigação para agricultura, obra em termoelétrica e associação para a produção de diamantes. (ODEBRECHT, 2011) Além disso, no momento existem 47 projetos em andamento, que incluem barragens, autoestradas, desenvolvimento diamantífero, linha de transmissão Capanda-Lucala-Viana e o Polo Industrial de Viana (ODEBRECHT, 2011).

A Petrobrás, pioneira brasileira em investimentos em Angola, até 2006 teve uma atuação limitada, participando apenas na condição de sócia de dois blocos, sem a operação em trabalhos de prospecção. Porém, a partir de 2006, a Petrobrás passou a investir de forma mais agressiva no país, ao conquistar direitos de exploração e produção

³ Luiz Alfredo Salomão, porém não vê nesse fato um empecilho aos investimentos e afirma que a Petrobras perdeu oportunidades que foram aproveitadas por outras petroleiras.

⁴ Esse autor ressalta a situação “inconcebível” de brasileiros sem visto de trabalho que são obrigados a voltar ao Brasil a cada dois meses para renovar os vistos de turista.

em mais quatro blocos, sendo operadora em três deles. A expectativa é elevar significativamente a produção, de 2,8 mil para 100 mil barris/dia, com o compromisso de perfuração de onze poços até 2011.

Já a Vale possui escritório em Luanda e atua em pesquisas para a identificação de áreas com potencial para cobre e níquel. As empresas de TV brasileiras, Globo e Record, aproveitam-se da semelhança da língua e do crescimento econômico do país para competirem por fatias do mercado angolano. Furnas, Camargo Corrêa, Totvs (Microsiga), Stefanini IT Solutions, Costa Negócios e Tecnologia são outras empresas identificadas por essa pesquisa atuando em Angola. Além disso, a Enashop, empresa que administra o shopping Barra, em Salvador (Bahia) também está administrando o Belas Shopping, em Luanda, o qual foi construído pela Odebrecht junto com uma empresa local.

Líbia⁵

Desde a normalização das relações da Líbia com a comunidade internacional, no início dos anos 2000, o regime de Muammar Gaddafi procurou promover uma maior abertura do país à economia mundial e passou a convidar empresas estrangeiras a investirem e a incentivar a iniciativa privada.

A abertura da Líbia ao capital internacional estava inserida em um plano de desenvolvimento, no qual o país procurava se qualificar para ser a principal porta de entrada da África. Desde 2003, quando as sanções do Conselho de Segurança das Nações Unidas foram suspensas, Trípoli vinha experimentando uma forte aceleração do crescimento. Nesse contexto, em 2005, chega ao país a Petrobrás, após vencer a primeira rodada de licitações da estatal Líbia. No país, a Petrobrás adquiriu direitos exploratórios de petróleo e gás e de partilha da produção da área 18, da qual é a operadora do consórcio que opera na exploração do bloco, com 70% de participação. (PETROBRAS, 2011)

Já a Odebrecht chegou ao país em 2006 para a construção do Anel Rodoviário de Trípoli, uma obra estimada em 250 milhões de euros (ODEBRECHT, 2011) e de grande necessidade para viabilizar o crescimento que a cidade vinha demonstrando. Na Líbia, a Odebrecht atua por meio da Libyan-Brazilian Construction & Development (LBCD), que é uma empresa líbia, constituída em sociedade com a Urban Development Holding Company (UDHC), sendo a Odebrecht a controladora, com 60% de participação acionária.

Outro projeto da Odebrecht na Líbia é a construção de dois terminais do Aeroporto Internacional de Trípoli, de envergadura bem maior que o primeiro projeto, orçado em 970 milhões de euros (ODEBRECHT, 2011). Além da estrita regulamentação ambiental, outro desafio da obra é o multicultural: previam-se trabalhadores de até 30 nacionalidades diferentes trabalhando na parte mais intensa da obra, sendo mais de 300 no escritório e até 6 mil no campo de obras (ODEBRECHT, 2011). Além disso, a obra era executada por uma joint venture entre a Odebrecht, uma empresa turca e uma empresa grega, com a liderança da Odebrecht (ODEBRECHT, 2011).

Antes da guerra, a Odebrecht planejava continuar investindo no país, de forma a tornar a LBCD a maior empresa de construção na Líbia. Além da Odebrecht, as construtoras Andrade Gutierrez e Queiroz Galvão também atuavam no país. Vale ressaltar que, ao contrário do que ocorreu em Angola, na Líbia, as empresas brasileiras não permaneceram durante o conflito.

Moçambique

Moçambique, até pouco tempo atrás, era um destino incipiente dos investimentos brasileiros. O marco foi 2007, quando a Vale conquistou os direitos de exploração das reservas de carvão de Moatize. O projeto vai produzir

⁵ Este item retrata a realidade anterior aos levantamentos ocorridos no início de 2011.

11 toneladas de carvão por ano, o qual vai ser exportado para Brasil, Europa, Ásia e Oriente Médio (VIZENTINI, 2010). Estima-se que com esse empreendimento, Moçambique se torne o segundo maior produtor de carvão do continente, atrás apenas da África do Sul.

Além da Vale, outra empresa que se destaca na atuação em Moçambique é a Odebrecht. Essa empresa, na década de 1990, atuou na construção da rodovia que liga Inhope a Machipanda, porém, por questões estratégicas, se retirou do país, só retornando em 2005 para construir as instalações da gigantesca mina de Moatize que a Vale vai explorar. Em função da envergadura do empreendimento, a Odebrecht formou com a Camargo Corrêa o Consórcio Moatize, o qual assinou com a Vale um contrato de aliança, para ter a estrutura necessária em termos de mão de obra e logística para a realização do empreendimento. Além das obras da mina, infraestrutura de rodovias e a construção da usina de beneficiamento de carvão mineral, a Odebrecht também ficou responsável pela construção da vila que receberá as famílias desapropriadas pela construção (ODEBRECHT, 2011). O projeto Moatize está em andamento no momento.

Ademais do consórcio com a Odebrecht, a Camargo Corrêa adquiriu 51% da empresa Cimento de Nacala, do grupo moçambicano Insitec, parte da cimenteira portuguesa Cimpor (O PAÍS, 2010) e, em 2007, apresentou o projeto para a construção da hidrelétrica MphandaNkuma, no centro do país (AGÊNCIA LUSA, 2011). Na área de serviços, há aproximadamente 10 anos as emissoras de TV Globo e Record têm disputado o mercado moçambicano, que é beneficiado por ter língua comum com o Brasil, pela simpatia que Moçambique dedica à cultura brasileira e por estar passando por um momento de crescimento acelerado.

Na área dos investimentos estatais, a Eletrobrás é uma das grandes empresas que atuam em Moçambique. Em 2010, foi celebrado um acordo entre o governo dos dois países para a Eletrobrás realizar o estudo para a construção de uma linha de transmissão de alta tensão, ligando a província de Tete a Maputo, também chamada de “espinha dorsal” (O PAÍS, 2010). Além da Eletrobrás, a Petrobras, em 2007, assinou acordos com a Empresa Nacional de Hidrocarbonetos – ENH, a estatal moçambicana, na área de pesquisa em biocombustíveis.

Mas a despeito de existirem investimentos de vulto promovidos por grandes multinacionais, um dos setores que mais tem se destacado recentemente é o das pequenas e médias empresas. Nesse sentido, em 2005, o empresário moçambicano Ermelindo Marques fundou a Central de Negócios Brasil Moçambique, apostando na potencialidade desse tipo de investimento (MOÇAMBIQUE PARA TODOS, 2011).

Franquias de marcas brasileiras

A presença de franquias de marcas brasileiras na África tem sido uma vertente de destaque nos últimos tempos. A análise em separado desse tema se deve ao fato de a internacionalização de franquias não necessariamente implicar na presença de empresas brasileiras, mas sim de marcas, uma vez que a franquia pode ser de propriedade de um nacional do país onde ela está se instalando ou de um estrangeiro que queira investir nesse país.

Esta pesquisa identificou franquias de marcas brasileiras presentes em Angola, África do Sul e Egito. Os principais setores foram serviços, vestuário, calçados, alimentos, cosméticos e beleza em geral. Dentre esses países o que mais se destaca é Angola. O país aparece como o destino inicial de 9,1% das empresas pesquisadas por Danton Siqueira Pitta Marques (2007), atrás apenas de Portugal, México e Argentina (MARQUES, 2007). Já como destino principal⁶ da franquia, a posição de Angola sobe, ficando em terceiro lugar, representando 9,1% das empresas (MARQUES, 2007). Das marcas identificadas por essa pesquisa, Angola recebeu 15 franquias brasileiras, enquanto a África do Sul recebeu 4 e Egito, 2.

6 O destino inicial corresponde ao primeiro país para o qual uma empresa decide internacionalizar sua franquia e o destino principal é o que tem maior número de franquias.

Algumas marcas que podem ser citadas são O Boticário, que atua em Angola e na África do Sul; o curso de línguas Fisk, em Angola; a marca Via Uno, presente na África do Sul e no Egito.

Investimentos governamentais e oportunidades dessa fatia de mercado apresentam perspectivas positivas para o futuro das franquias brasileiras na África. Em 2010, o projeto Franchising Brasil, desenvolvido pela APEX-Brasil e a Associação Brasileira de Franquias, participou pela primeira vez da FILDA, expondo 5 marcas brasileiras de Franquias, sendo que logo no primeiro dia a Wizard fechou contrato de representação exclusiva para a abertura de uma rede de escolas de idioma em Angola (APEX-BRASIL, 2010). Assim, trata-se de um grande potencial para fortalecer a presença brasileira no continente africano.

Conclusão

Esse artigo pretendeu mapear os investimentos brasileiros na África durante o governo Lula. Pode-se observar que no período em tela houve um incremento dos investimentos brasileiros no continente, assim como da internacionalização da economia do país como um todo.

Como foi visto, os países que se destacam como destino das empresas brasileiras são África do Sul, Angola, Líbia e Moçambique. No entanto, existem empresas brasileiras em 22 países africanos e esses investimentos são principalmente na área de minerais e construção civil, sem contar com o potencial das pequenas e médias empresas e das franquias.

Assim, o mapa dos investimentos brasileiros na África poderia ser sintetizado em uma concentração de pontos na África Austral, com a exceção da Líbia no norte do continente, e pontos esparsos por todo o resto do continente.

Bibliografia

- AGÊNCIA LUSA. *Lula vai Discutir Fábrica de Antirretrovirais em Moçambique*. Disponível em: www.infectologia.org.br Acesso em: 06/03/2010.
- AMARAL, Sérgio. *Internacionalização das Empresas Brasileiras*. Política Externa nº 4, vol. 16, Março, Abril, Maio 2008.
- APEX-BRASIL. *Empresas brasileiras encerram FILDA 2010 com negócios estimados em 50 milhões de dólares*. Disponível em: www.apexbrasil.com.br/Acesso em: 12/08/2010.
- CARDOSO, Fernando Jorge (coord.). *Diplomacia, Cooperação e Negócios: O Papel dos Atores Externos em Angola e Moçambique*. Disponível em: www.ieei.ptAcesso em: 16/08/2010.
- FUNDAÇÃO DOM CABRAL. *Ranking Transnacionais Brasileiras 2010: repensando as estratégias globais*. Disponível em: www.fdc.org.br Acesso em: 17/08/2010.
- GILPIN, Robert. *Economia Política das Relações Internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. 492p.
- KPMG. *Multinacionais Brasileiras: A Rota dos Investimentos Brasileiros no Exterior*. Disponível em: www.kpmg.com.br Acesso em: 27/03/2011.
- MARQUES, Dalton Siqueira Pitta. *Internacionalização de Franquias: um mapeamento sobre a presença de redes brasileiras no exterior*. Dissertação de Mestrado em Administração de Organizações, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007, 143p.
- MDIC. *Intercâmbio Comercial Brasileiro: países e blocos econômicos*. Disponível em: www.mdic.gov.br Acesso em: 06/09/2011.

- MICOLO, Gaspar. *Centro Brasileiros de Negócios em Angola é inaugurado em Dezembro. Jornal de Economia online*. Disponível em: www.jornaldeeconomia.com Acesso em: 20/03/2011.
- MOÇAMBIQUE PARA TODOS. *Participação de Empresas Brasileiras Cresce em Moçambique*. Disponível em: http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2007/09/participao-de-e.html Acesso em: 13/03/2011.
- MRE. *Balanço da Política Externa 2003-2010*. Disponível em: www.itamaraty.gov.br Acesso em: 07/02/2011.
- O PAÍS ON LINE. *Empresas Brasileiras Ganham Terreno no País*. Disponível em: www.opais.co.mz Acesso em: 06/03/2011.
- ODEBRECHT. *Projetos Angola*. Disponível em: www.odebrecht-ec.com.br Acesso em: 13/03/2011.
- ODEBRECHT. *Um país que se renova: obras do Aeroporto internacional e do Anel Rodoviário de Trípoli aprimoram a infra-estrutura da Líbia, que se qualifica para ser a principal porta de entrada da África*. Acesso em: www.odebrechtonline.com.br Disponível em: 20/03/2011.
- PETROBRÁS. *Angola*. Disponível em: www.petrobras.com Acesso em: 13/03/2011.
- PETROBRAS. *Líbia*. Disponível em: www.petrobras.com Acesso em: 20/03/2011
- SALOMÃO, Luiz Alfredo. *Angola: desafios e oportunidades. Revista Política Externa*. Vol. 17, n 1, jun-jul-ago 2008.
- VALE. *Vale no Mundo*. Disponível em: www.vale.com Acesso em: 20/03/2011
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A África na Política Internacional*. Curitiba: Editora Jurua, 2010. 272p.

Resumo

Durante o governo Lula os investimentos brasileiros na África cresceram de forma destacada. Os principais destinos foram África do Sul, Angola, Líbia e Moçambique.

Abstract

During Lula's government Brazilian investments in Africa grew prominently. The main destinations were South Africa, Angola, Libya and Mozambique.

Palavras-chave: Investimentos externos brasileiros; África; Política Externa do Governo Lula

Key-words: Foreign investments in Brazil; Africa; Foreign Policy of the Lula government

Recebido em 25 de agosto de 2011

Aprovado em 31 de agosto de 2011

